

S.E.O.: A Biblioteconomia no Brasil

P. HAVARD-WILLIAMS

Department of Library and
Information Studies
University of Technology
Loughborough
Grã-Bretanha

O **status** dos bibliotecários é baixo, apesar de a profissão ser regulamentada por lei. A Biblioteconomia é uma profissão predominantemente feminina e os salários são reduzidos, embora venham melhorando, tanto quanto vem aumentando o ingresso de homens em bibliotecas e centros de documentação. A Documentação goza de mais prestígio do que a Biblioteconomia e as bibliotecas mais eficientes são normalmente as que desenvolvem atividades de documentação. Essas bibliotecas, em geral, são as melhores, seguidas pelas bibliotecas universitárias e públicas. A fim de melhorar o **status** e a eficácia da profissão como fator essencial na vida social e econômica da nação e de preparar professores capacitados é preciso que se estabeleçam cursos de pós-graduação. Uma associação nacional é necessária para influir junto ao Governo no que diz respeito à implantação e melhoramento dos serviços bibliotecários e de documentação. Todos os bibliotecários devem apoiar a implantação de um serviço nacional de bibliotecas que seja forte e tenha amplas atribuições.

O autor é professor e chefe do Department of Library and Information Studies da Loughborough University of Technology, vice-presidente da Federação Internacional de Associações de Bibliotecas (FIAB/IFLA) e vice-presidente da Library Association britânica. No mês de abril esteve no Brasil como consultor da CAPES, com o patrocínio do Conselho Britânico, a fim de elaborar um programa para pós-graduação em Biblioteconomia no Brasil. (Tradução e notas de Antônio Agenor Briquet de Lemos.) Original recebido para publicação em 12-5-1975.

Um velho professor de Geologia, ao ser presenteado por seus alunos com uma coleção de amostras de minerais, entre as quais tinham colocado um pedaço de concreto, enumerou-as assim: "Isto é granito, isto é arenito e isto aqui é impertinência". Talvez os bibliotecários brasileiros venham a sentir o mesmo diante deste artigo, escrito após uma visita de três semanas a seu país, e é por isso que o apresentamos com a tradicional fórmula de redação comercial: "salvo erro ou omissão" (S.E.O.).

Não obstante, um observador estranho pode discernir algumas coisas que nem sempre são percebidas por aqueles que se acham mais diretamente envolvidos nos fatos. Eis alguns axiomas sobre os quais pretendo estender-me neste trabalho:

1. O **status** social de que desfrutam os bibliotecários é baixo, embora sua profissão esteja regulamentada por lei.
2. A Biblioteconomia é, predominantemente, uma profissão feminina; os salários pagos são baixos, mas sua progressão começa a atrair homens para o trabalho em bibliotecas e centros de documentação.
3. A Documentação é tida em melhor conta do que a Biblioteconomia e as bibliotecas mais eficientes tendem a ser aquelas cujas atividades se relacionam com serviços de documentação.
4. Existem bibliotecas muito boas e bibliotecas terrivelmente ruins. Em geral, as bibliotecas especializadas/centros de documentação são as melhores, vindo a seguir as bibliotecas universitárias e, em último lugar, as bibliotecas públicas.
5. Os níveis salariais, **grosso modo**, acompanham a mesma ordem mencionada no item anterior, revelando que o setor público, atualmente, tem pouco apreço pelos bibliotecários, embora existam sinais de mudança.
6. Os bibliotecários, no Brasil, são portadores de um diploma em Biblioteconomia e, portanto, carecem de qualquer domínio de outra área de conhecimentos que possam colocar à disposição de bibliotecas especializadas ou universitárias.
7. Na opinião do Sr. Murilo (1), existe, no Brasil, um **deficit** de 19 000 bibliotecários. Há necessidade, portanto, não só de quantidade mas de qualidade, no que se refere à produção de uma reserva de recursos humanos em Biblioteconomia e Ciência da Informação, e ainda de "recauchutar" a força de trabalho atualmente disponível, considerando-se uma população de 93 000 000 de habitantes e o grau de desenvolvimento da indústria e do comércio.

8. A fim de melhorar o **status** da profissão e sua eficácia como um fator essencial na vida social e econômica da nação, e fornecer professores adequadamente capacitados a ensinar aos futuros jovens profissionais, é imprescindível que se estabeleçam, rapidamente, cursos de pós-graduação.

9. A fim de poder influir sobre a política governamental no que tange à implantação e melhoramento dos serviços bibliotecários e de documentação é essencial, para o rápido desenvolvimento das bibliotecas e centros de documentação, que simultaneamente se crie uma associação de bibliotecários, de âmbito nacional, que tenha um quadro de associados e uma liderança que a façam forte.

10. Finalmente, todo serviço nacional de bibliotecas, arquivos e informação técnico-científica deve ter um ápice. Todos os bibliotecários devem, portanto, através de uma associação forte e das instituições onde trabalham, apoiar a implantação e desenvolvimento de um Serviço Nacional de Bibliotecas, solidamente estruturado e de amplas atribuições.

Os bibliotecários culpam, pelo baixo **status** do bibliotecário e os conseqüentes salários baixos, a falta de interesse da sociedade em geral. Esse é um fato corriqueiro em todo o mundo, não sendo específico do Brasil. Representa, não obstante, uma atitude totalmente errônea. Quem promove a melhoria da posição dos médicos, advogados, arquitetos, livreiros ou editores? É a própria profissão que tem de dar seus passos em sua marcha rumo a um nível mais elevado. A tendência dos bibliotecários à introspecção leva-os a cuidar mais dos livros do que dos leitores, ou mais destes do que dos responsáveis pela elaboração dos orçamentos.

Ouvi, repetidas vezes, que se dá ênfase às técnicas no ensino de Biblioteconomia, ao nível de graduação. "Bibliotecários recém-formados muitas vezes têm potencial, mas ainda precisam de muito mais", disse-me um eminente bibliotecário. Não se deve desprezar a idéia de livros bem arrumados nas prateleiras e de uma catalogação minuciosa e precisa, porém, isto não constitui um fim em si mesmo. Apenas em uma biblioteca especializada vi o catálogo em fichas sendo utilizado.

Poucas bibliotecas britânicas adotam uma catalogação detalhada, pois os serviços bibliográficos, em geral, são bons. O que acontece com o serviço de fichas catalográficas do IBBD? Não encontrei indício algum de sua existência, e, no Brasil inteiro, os catalogadores estão catalogando esmeradamente os mesmos livros, com o mínimo de pessoal, impossibilitados de proporcionar aos leitores/usuários o serviço que devem receber.

As bibliotecas existem para os usuários; os centros de documentação existem para os usuários. Estes centros, premidos por pressões financeiras, comerciais e industriais, aprenderam a lição melhor do que as bibliotecas. Bons serviços trazem estima e compreensão: estas, por sua vez, trazem dinheiro. Dinheiro traz pessoal, materiais, edifícios etc. Nesse contexto é importante a "administração por objetivos". O objetivo principal de uma biblioteca/centro de documentação é servir aos seus leitores com informações e recursos bibliográficos. A orientação será diferente em unidades diferentes.

Como, então, o orçamento está sendo aplicado? Levam-se horas para classificar um livro? Será que elas se justificariam se houvesse um catálogo exato contendo entradas sucintas o suficiente para localizar os materiais? Não seria o dinheiro mais bem aplicado se se aceitassem as entradas de catálogos e bibliografias modelares, e se mais recursos financeiros fossem gastos nos serviços de informação aos leitores? Uma mudança de situação exige métodos radicais e se os bibliotecários não estiverem dispostos a lançar mão de métodos radicais talvez venham a constatar que outras pessoas estão tomando seu lugar, fazendo aquilo que lhes devia competir.

E isso, de certa forma, já está acontecendo. Bibliotecas universitárias e de pesquisa estão tratando de empregar pessoal com qualificações em outros campos do conhecimento para o desempenho de atividades especializadas. Na realidade, porém, os bibliotecários é que deveriam estar dando sua colaboração para o trabalho nesses campos especializados. No entanto, cursos elementares sobre Literatura, Filosofia, História da Arte etc. não formam especialistas. Os bibliotecários de bibliotecas especializadas precisam de uma formação universitária especializada além de formação profissional em Biblioteconomia. Nem todos precisam desse tipo de formação, mas é certo que aqueles que aspiram a ser líderes da profissão e os que desejam trabalhar em bibliotecas universitárias, bibliotecas de pesquisa e bibliotecas especializadas serão melhores bibliotecários se possuírem dupla qualificação.

Não há nada de novo nessa proposta. Nos Estados Unidos, vem sendo adotada desde Melvil Dewey; na Inglaterra desde 1921, e existe na Alemanha, França, Holanda, Escandinávia etc. Não é somente uma questão de ter conhecimentos, mas é uma questão de poder dialogar com os leitores na linguagem de suas especializações e, até mesmo, de assumir atitudes similares. Administradores e autoridades do Governo são formados em universidades. Que impressão têm eles das bibliotecas e dos bibliotecários? Durante suas vidas

profissionais, eles não encaram os bibliotecários como elementos capazes de traçar uma política e tomar decisões, mas sim como datilógrafos e burocratas. A profissão, como um todo, deve imbuir-se da vontade de mudar essa situação. Uma das soluções possíveis será atrair para a Biblioteconomia elementos formados em outras áreas do conhecimento.

Sei que existe um projeto de lei tramitando nas comissões da Câmara dos Deputados o qual pretende limitar o acesso a cursos de pós-graduação apenas àquelas pessoas que possuam um diploma de graduação na mesma área de conhecimentos (2). Que opinaram os bibliotecários a respeito disso? Apresentaram argumentos a favor ou contra tal proposta? Espero que não apóiem essa proposição, que foi formulada com base nos mais elevados motivos acadêmicos, mas que, de fato, está trinta anos atrasada. Os países em desenvolvimento, assim como os países desenvolvidos, precisam de interdisciplinariedade. De fato, ela existe: pensemos na Biofísica, Biomecânica, o estudo sociológico da Engenharia, a relação da Documentação e da Biblioteconomia com diferentes campos, desde a língua chinesa até a tecnologia dos transportes, da Economia à Engenharia Química. Essa proposta, que limita os candidatos a cursos de pós-graduação àqueles que já sejam graduados na mesma área, retardará o desenvolvimento e tornará o ensino mais esotérico, ao contrário de atrair estudantes diligentes para diferentes cursos de pós-graduação, possibilitando-lhes ampliar sua visão e apreender os elementos indispensáveis de um novo campo num nível mais avançado.

Minha impressão é que, no Brasil, o tempo é muito curto para que se justifique o projeto do nobre deputado. Para os bibliotecários/documentalistas, na etapa atual da evolução das bibliotecas e centros de documentação (para não falar nos arquivistas que, primeiramente, devem ter uma boa base em História), isso seria nada mais nada menos que desastroso, pois, a longo prazo, só restaria aos bibliotecários transformarem-se em simples técnicos.

Outra solução é implantar cursos de pós-graduação que produzam "administradores de bibliotecas", professores bem qualificados com considerável cultura e bibliotecários que, embora não necessariamente sejam "administradores", tenham uma ampla cultura, preocupem-se com as necessidades de sua comunidade, seja ela de professores e estudantes ou de especialistas, ou da comunidade como um todo. Nos dias atuais de sofisticada burocracia existe o perigo de a Biblioteconomia interessar-se por "sucatas administrativas", esquecendo que a base dos serviços de biblioteca e infor-

mação são os livros, revistas, relatórios etc., bem como os “meios não-gráficos” (filmes, diafilmes, vídeo-teipes, discos etc.). Talvez seja até válido denominar cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação de cursos sobre “materiais de comunicação”, embora isso provavelmente não faça a devida justiça à noção de informação.

Supõe-se que seja por intermédio do estabelecimento de um currículo de pós-graduação que se consiga alcançar a reforma de ensino que essa atitude acarreta. Esse currículo de pós-graduação deve desenvolver a filosofia, os princípios e a prática das diversas facetas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação (pessoalmente, não vejo uma divisão real entre as duas), salientando principalmente que o campo é uma “ciência social aplicada”, a comunicação de conhecimentos/informações, a comunicação de idéias para o enriquecimento da vida através da literatura, das artes, ou mesmo o artesanato, como jardinagem ou tapeçaria. A concepção global deve estar voltada para o mundo exterior, considerando essa disciplina como um serviço social bibliográfico. Os bibliotecários não começaram a pensar, por exemplo, no papel que as bibliotecas ou os bibliotecários podem desempenhar em face dos problemas do analfabetismo. Desconhece-se o trabalho de Ursula Albertus, especialista da UNESCO para Biblioteconomia na América Latina, visando ao estabelecimento de centros culturais de forma a estimular o uso dos livros. E o diretor do Instituto Nacional do Livro é um escritor. Por quê?

A proposta para um curso de pós-graduação inclui um tronco comum e várias opções. É lamentável que a denominação do título a ser conferido seja limitada pela legislação, pois deve acompanhar o título do curso de graduação. O título de Mestre em Documentação teria mais influência do que Mestre em Biblioteconomia.

O tronco comum proposto é o seguinte:

1. Princípios e prática de Bibliografia
2. Princípios e prática de administração e planejamento
3. Princípios e prática de indexação
4. Princípios e prática de automação
5. Princípios e prática de educação de usuários
6. Problemas brasileiros

7. Métodos de pesquisa (inclusive estatística elementar) e mais três ou quatro outros cursos a serem escolhidos, como, por exemplo:

Organização dos serviços bibliotecários da nação

Planejamento de edifícios de bibliotecas

Biblioteconomia Comparada

Administração de bibliotecas universitárias e de pesquisa/bibliotecas especializadas/bibliotecas públicas/bibliotecas escolares

Meios não-gráficos e métodos reprográficos

Bibliotecas públicas como agências culturais

Preservação de materiais de arquivos e bibliotecas

Outros cursos deveriam ser feitos em outros departamentos, como, por exemplo, Departamento de Administração (p. ex., teoria organizacional, planejamento governamental); Departamento de Educação (planejamento educacional, metodologia do ensino superior, alfabetização de adultos); Departamento de Comunicação etc. Propõe-se que os cursos de mestrado tenham dois anos de duração e os estudantes sejam de tempo integral. Se as vagas oferecidas forem para 20 alunos, recomenda-se, proporcionalmente, que cerca de metade desse número se destine à formação de líderes em Biblioteconomia e que mais ou menos a outra metade se destine a professores universitários.

Uma das principais conseqüências do estabelecimento de cursos de pós-graduação será o fato de que as escolas de Biblioteconomia terão de reexaminar os programas de graduação, os quais deverão, a longo prazo, formar bibliotecários para as bibliotecas menores e para os cargos intermediários nas bibliotecas maiores. Vem sendo discutida uma reestruturação do currículo mínimo e me parece que a mesma deva levar em conta esta nova situação. Talvez valha a pena imaginar-se um curso de graduação em Biblioteconomia que contenha uma dose equivalente de estudos num curso de graduação em Física, História, Matemática etc., o que, pelo menos, daria aos bibliotecários uma introdução sobre um assunto de forma bem mais profunda do que aquilo que atualmente recebem. Mas, isto é uma mera sugestão. O principal problema é um problema de atitudes, e é difícil dar uma receita para mudar as atitudes emocionais das pessoas.

O exame de seleção de candidatos à pós-graduação, de preferência organizado em comum pelas escolas que ministrarem cursos de pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação, deve con-

sistir em um trabalho escrito sobre algum tema geral (p. ex., os documentos da UNESCO sobre o Unisist e o NATIS), um conhecimento geral sobre as bibliotecas e centros de documentação no Brasil, uma tradução do inglês para o português, talvez um exame sobre estatística elementar, e uma entrevista.

Talvez se deva fazer uma ressalva sobre a situação do inglês. No Brasil, há um sentimento comum de que a predominância do inglês seja um problema exclusivo do Brasil. Isso está muito errado. Já lecionei em francês e o problema é o mesmo. Existem duas línguas importantes em Biblioteconomia e Ciência da Informação — inglês e russo. Dentro de uns vinte anos, haverá três ou quatro, que não serão o português, nem o francês ou alemão, mas o chinês e o árabe. Esse é um fato com que temos de conviver. Quando houver suficientes bibliotecários, documentalistas e professores que garantam uma liderança adequada de uma profissão abrangente, então chegará a ocasião para que se concentrem na redação original e tradução de livros para o português. No momento atual, em minha opinião, é mais prático e atende melhor aos interesses da profissão aprender a dominar o inglês (que é mais fácil do que o russo ou o chinês!). Além do mais, é improvável que eminentes e veteranos bibliotecários estrangeiros possam dedicar uma parcela suficiente de seu tempo a estudar bastante português de modo que possam dar aulas nesse idioma. Os estudantes, portanto, devem poder compreender professores visitantes, mas entre estes também deveriam ser incluídos elementos mais jovens que, provavelmente, depois de um ano de experiência, poderiam lecionar em português. Tudo isso serve para salientar ainda uma vez mais: a) que ao desenvolver estudos de cooperação ambos os lados devem realizar esforços, e b) os bibliotecários devem fazer um esforço no que concerne ao nível profissional, para que possam melhorar sua posição atual.

Os bibliotecários/documentalistas melhorariam no mais alto grau a posição das bibliotecas/centros de documentação mediante o alargamento de suas preocupações com a política governamental. Em nenhum centro que visitei fui solicitado a preparar uma nota, tirar uma fotografia ou dar uma entrevista à imprensa. Em nenhum lugar a associação profissional organizou qualquer reunião. E isso teria criado oportunidades de chamar a atenção do público para as bibliotecas, por mínimo que fosse. Uma nota para a imprensa que incluísse uma frase como “Existem ótimas bibliotecas e bibliotecas terrivelmente ruins” poderia ter tido como título “Especialista afirma que as bibliotecas brasileiras são perfeitas” ou “Consultor estrangeiro critica violentamente as bibliotecas brasileiras”. Pelo menos a palavra “bibliotecas” teria saído nos jornais.

Os museólogos não caíram nessa: eles organizaram, com a colaboração do Sr. David Spiller, do Conselho Britânico, uma conferência do Sr. Kenneth Hudson, especialista-visitante da UNESCO, que esteve no Brasil por uns quatro ou cinco dias. Foi uma conferência de primeira qualidade, repleta de elementos a serem considerados pelos bibliotecários, e que foi registrada por uma grande equipe de repórteres e fotógrafos da imprensa. Se uma profissão pequena como a dos museólogos pode fazer isso, também os bibliotecários o podem. Mas isso requer liderança, requer o apoio integral da profissão; requer o apoio de bibliotecários jovens que possam vislumbrar seu futuro no desenvolvimento das bibliotecas, centros de documentação e arquivos e que estejam dispostos a aguardar a oportunidade de assumir seu papel e a direção dos negócios.

Se os estudantes de Biblioteconomia forem todos como os que encontrei em São Paulo, o futuro da profissão será muito brilhante. O único perigo é que a frustração venha a matá-los profissionalmente, fazendo com que se voltem para outro caminho. Isso não quer dizer que não existam pessoas idosas progressistas na profissão: mas eles não estão se fazendo notar como deveriam.

Em minha opinião, limitada como deve ser, existe a necessidade de dotar as associações estaduais de bibliotecários de diretores executivos e comissões executivas, com 30% dos cargos reservados para aqueles que tenham 30 anos de idade e menos. As mensalidades deveriam ser divididas de tal forma que uma certa parcela se destinasse à manutenção de uma sede nacional em Brasília. Um esquema desses exige disciplina e coragem, mas especialmente os bibliotecários jovens devem encará-lo como um investimento para seu futuro. Nenhum progresso efetivo será alcançado por uma profissão secundária, como Biblioteconomia/Documentação/Arquivologia, pois não são essenciais à vida, como as profissões relativas à saúde, instalações sanitárias, estradas ou a loteria nacional, enquanto não existir uma entidade eficaz para pressionar os deputados e ministros na capital do País.

Até onde vai a falta de contato dos bibliotecários com a política governamental está num exemplo de Belo Horizonte. O Sr. José Fernandes, secretário estadual de Educação, recebeu-me muito gentilmente no meio de um dia extremamente ocupado, quase ao final de minha visita. Disse-me ele que o governo estadual estava interessado numa rede de bibliotecas públicas, a qual ele encarava como prioritária. No entanto, quando mencionei o treinamento de bibliotecários para bibliotecas públicas e escolares, os profissionais me consideraram um visionário e que estava querendo introduzir noções

estrangeiras irrelevantes (embora, devo insistir, não tenham sido tão rudes a ponto de afirmá-lo categoricamente!).

A profissão deve **ela mesma** tornar-se responsável pelas diretrizes gerais de desenvolvimento das bibliotecas brasileiras. Ela deve perceber que, agora, com o imenso potencial de desenvolvimento comercial e industrial do Brasil, os brasileiros vão começar a exigir uma melhoria na sua “qualidade de vida”. Agora, se isso inclui ou não os recursos de uma biblioteca não dependerá da massa da população, nem das classes superiores (ou que podem comprar seus próprios livros), mas de profissionais dedicados que possam formular uma política para o serviço de bibliotecas/documentação/arquivos da nação, que tenham lido os documentos sobre o NATIS publicado pela UNESCO e que terão examinado a melhor forma de aplicá-los à totalidade da vida no Brasil.

Não existem, por exemplo, bibliotecas públicas de fato no Brasil. A do Rio pode ser descrita como “uma favela bibliotecária” e é uma vergonha para o governo estadual: só pude maravilhar-me com a dedicação do pessoal, que era tão entusiasta, trabalhando em condições tão medonhas. As de Brasília e Belo Horizonte são glorificadas bibliotecas escolares centrais que abastecem estudantes e escolares. Que orientação traçaram os bibliotecários brasileiros, como um todo, para esse problema? Não adianta apenas dizer “as bibliotecas públicas são muito ruins”. Elas são uma responsabilidade de vocês: o que estão vocês fazendo?

A cidade do Rio de Janeiro e respectiva área metropolitana contam com cerca de seis milhões de habitantes. Mesmo pelos modestos padrões do Sr. Murilo, ali deveriam existir cerca de 2 500 bibliotecários trabalhando em bibliotecas públicas. O acervo dessas bibliotecas deveria estar perto de seis milhões de volumes, com suas sucursais atendendo às diferentes necessidades de alfabetizados, semi-alfabetizados e analfabetos. A biblioteca deveria possuir materiais audiovisuais para ensino de analfabetos e, para instrução e recreação, um serviço adequado de impressão, serviço de discos fonográficos, situados não só no miserável e entulhado recinto da biblioteca central, mas em bibliotecas regionais espalhadas por toda a cidade e pelo Estado.

As bibliotecas são a “universidade dos pobres” (Thomas Carlyle). Elas podem ser vendidas aos políticos como a forma mais barata de auto-educação, não só no sentido limitado da educação formal escolar, secundária ou universitária, mas sob a forma de educação para a vida, de desenvolvimento da experiência intelectual e emocional.

As bibliotecas públicas também podem fornecer informações comerciais e industriais às pequenas indústrias, que não tenham condições de manter serviços de biblioteca e documentação próprios. Elas podem incorporar serviços estaduais de arquivo com o respaldo de um bom acervo histórico. Terá a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários uma política eficaz acerca disso?

Os livreiros, com efeito, possuem uma política eficaz para eles próprios e que visa ao “desenvolvimento intelectual e emocional, leitura de livros didáticos e pornografia”. Os bibliotecários poderiam atuar como uma associação de consumidores no que se refere à indústria editorial e à venda de livros. Mas, que fazem eles? Visitei inúmeras livrarias. Em Brasília encontrei várias livrarias boas, com uma representação de obras brasileiras modernas muito melhor do que o que se poderia encontrar na biblioteca demonstrativa do INL. No entanto, busquei em vão algum livro que tivesse sido editado no Brasil e que tratasse de seu desenvolvimento, sua arquitetura, sua pintura, sua música, suas plantas e seus animais. O único álbum de ilustrações que encontrei foi no Rio e podia ser comprado mais barato na Inglaterra, pois fora editado pela McGraw-Hill. Vocês sabiam que o acréscimo sobre o preço dos livros estrangeiros pode variar até em 50%? Qual a política adotada pelos bibliotecários, como consumidores, em face disso?

Creio que há bibliotecas que compram livros estrangeiros através dos livreiros locais. Sou de opinião que as bibliotecas devem apoiar o comércio livreiro nacional, mas não necessariamente aceitando as condições desse comércio que, de um modo geral, são ineficientes no mundo inteiro. Os bibliotecários deveriam saber que isso não funciona para obras editadas antes de 1970, pois inúmeras delas já se acham esgotadas; e que os serviços a serem prestados pelos livreiros brasileiros deveriam ser tão eficientes quanto os dos agentes estrangeiros. Em outras palavras, para encomendas de bibliotecas que forneçam todos os detalhes bibliográficos, inclusive preços, os livreiros não deveriam ter liberdade para cobrar nada mais além da taxa de câmbio conveniente, inclusive qualquer comissão bancária, e uma comissão baseada nos custos de transporte, nos casos em que isto se justificasse. As datas de entrega também deveriam ser equivalentes às dos livreiros estrangeiros, e se solicitaria a um número representativo de bibliotecas que mantivessem estatísticas relevantes, de modo que, a cada seis meses, o Ministério receberia os respectivos quadros estatísticos. (Isso se baseia em experiência ocorrida na Nova Zelândia, há alguns anos, onde as condições não eram muito diferentes.)

Não adianta simplesmente falar da herança cultural, algo deve ser feito pelos brasileiros para os brasileiros e os profissionais devem liderar o movimento. Quantos bibliotecários são diretores de empresas lucrativas no ramo da edição e venda de livros? É bem provável que existam alguns prósperos bibliotecários que o sejam. Mas uma associação forte, com um número representativo de membros, que obviamente deve depender daqueles que se encontram nos estados mais industrializados, em primeiro lugar, é a instituição fundamental para promover uma política profissional esclarecida no campo do setor governamental bem como no setor da empresa privada.

Finalmente, alguém só poderia chorar ao ver o estado da Biblioteca Nacional, dirigida como o é, com coragem, realismo, entusiasmo e visão. Qual a pressão que os bibliotecários, como um todo, exerceram sobre o governo para que ela se desenvolvesse? Ela tem dinheiro, mas não tem espaço. Qual a pressão que as associações podem desencadear a fim de se conseguir que os problemas atuais encontrem uma solução satisfatória? Não é fácil definir uma Política para a Biblioteca Nacional, como eu mesmo sei por ter trabalhado na elaboração do relatório da Library Association, em 1968. Mas pode ser feito. O interesse do governo por uma Biblioteca Nacional, que seja o ápice do serviço de bibliotecas da nação, poderia ampliar as perspectivas do desenvolvimento bibliotecário no Brasil, caso a profissão esteja disposta também a formular sua política.

É necessário um levantamento das necessidades que a Biblioteca Nacional deve satisfazer, da mesma forma que é necessário examinar quais são os requisitos nacionais em matéria de acervos e informações na área de ciência e tecnologia.

Se o Ministro da Educação e Cultura solicitasse a vocês que o aconselhassem, o que lhe diriam? Pois a sua responsabilidade, como bibliotecário-documentalista-arquivista brasileiro, é formular as respostas. Minha não é, pois posso apenas colocar algumas perguntas. A propósito, que farão vocês, também, como bibliotecários, com relação ao problema do analfabetismo? Não conheço a resposta, mas gostaria de saber qual é. Talvez vocês me respondam (e a outros) num futuro número desta revista.

Questões fundamentais como essas é que, sem dúvida, estarão sendo examinadas por vocês durante seu 8º Congresso, ao qual, lamentavelmente, não posso estar presente, mas ao qual envio meus melhores desejos de sucesso, expressando também minha gratidão para com todos aqueles que me receberam com tantas gentilezas durante a minha visita de abril.

Abstract

E & OE: Librarianship in Brazil

The status of librarians, in spite of the fact it is regulated by law, is low. Librarianship is largely a female profession; it has low salaries which are improving, and is beginning to attract men to work in libraries and documentation centres. Documentation is better thought of than librarianship, and the most efficient libraries tend to be those associated with documentation services. In general, these libraries are best, followed by university and public libraries. Librarians have a degree in library science, but have no expertise in another subject to offer specialised or academic libraries. In order to improve the status of the profession and its effectiveness as an essential factor in the social and economic life of the nation, and to provide professors adequately prepared to teach future young professionals, the rapid establishment of postgraduate courses is necessary. In order to influence public policy with regard to the development and improvement of library and documentation services, a professional association, national in scope, and strong both in leadership and in number, is an essential concomitant to rapid library and documentation centre development. All librarians should support the development of a strong, comprehensive National Library Service.

REFERÊNCIAS

1. CUNHA, Murilo Bastos da. Necessidades atuais de bibliotecários no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília** 2 (1):15-24, jan./jun. 1974.
2. Projeto de lei apresentado à Câmara dos Deputados, em março de 1975, pelo Deputado Alcir Pimenta, determinando que "os cursos de mestrado e de doutorado só podem ser ministrados aos diplomados pelos cursos de graduação correspondentes às mesmas áreas científicas, artísticas ou técnicas daqueles".